

EDITORIAL

Qual o papel da estética na resistência à violência?

RuMoRes, revista científica dedicada aos estudos de comunicação, linguagem e mídias propõe, neste número, indagar como as diversas produções e práticas midiáticas podem nos ajudar a resistir contra violências do passado e do presente. Os artigos publicados nesta 29ª edição nos lembram do percurso pela memória como construção, como valor, como narrativa que nos erige e fornece possibilidade de enfrentamentos. Codificar, nessas análises críticas, o resgate de uma memória midiática devolve mobilidade à construção e desconstrução de imaginários e, com isso, não se pretende um dizer sem efeitos, mas, ao contrário, pronto para a ação e a interferência social.

Assim é que publicamos o Dossiê “Mídia e memória: visibilidades e resistências”, organizado por Jennifer Jane Serra e Rosana de Lima Soares, com artigos que abordam os efeitos de sentido muito presentes em produções midiáticas que lidam com a memória e seu par – o esquecimento –, em um pacto pela resistência política. Apontamos especialmente tal resistência na América Latina, em que as teorias dedicadas a discutir e identificar subjetividades chegam pelas brechas: não fazem outra coisa que desviarem brilhantemente o caminho para proporem uma relação profícua entre o individual e o coletivo, entre o ficcional e o factual, sendo férteis para lançar, em nossos territórios, novas perspectivas sobre como pensar as diversidades. Aportes teóricos e produções históricas se mesclam a possibilidades de renovação numa materialidade em que passado, presente e futuro estão condensados.

No corpo da edição, por sua vez, temos um primeiro conjunto de artigos que lidam com *imagens de diferentes tipos de violência*, aquelas do racismo, as de gênero, as geracionais, as desterritorializadas. Ismail Xavier, em “Inquietações

da adolescência: da redoma da Casa Grande ao mergulho no tempo presente da cidade”, analisa o filme *Casa Grande*, de Felipe Barbosa (2014), buscando a repetição de processos de exclusão arraigados na sociedade brasileira e revividos na trajetória da vida de um adolescente que começa a ganhar a cidade do Rio de Janeiro. Mayra Rodrigues Gomes, em “Os nomes da violência contra as mulheres: das narrativas no jornalismo”, recupera como o jornalismo está reportando casos de violência contra as mulheres ao refletir os altos índices observados já em 2018 e que podemos extrapolar hoje em tempos pandêmicos. “Micro-história italiana e jornalismo em *Expectativa de vida: vinte anos e Mães vivas de uma geração morta*”, de Francisco Aquinei Timóteo Queirós, parte da prática jornalística de Eliane Brum no livro *O olho da rua*, observando a entrada de sujeitos comuns nas narrativas e como seus relatos importam. E, em “Complexidade e compreensão em reportagens sobre a crise humanitária: a narrativa jornalística de Paulo Moura”, Mauro de Souza Ventura e Tayane Aidar Abib procuram caminhos para testemunhar a crise de refugiados analisando o trabalho de Paulo Moura em *Passaporte para o céu* (2005).

A resistência pode também significar poéticas e políticas latentes, que se condensam no presente para dar curso a narrativas que renovam as possibilidades técnicas e históricas nas mídias. Eduardo Vicente, em “A grande novidade do rádio na internet é o... áudio!” recupera certa história construída sobre o rádio para encontrar nela mesma as respostas para o entendimento das possibilidades expressivas mais atuais das mídias sonoras e seus usos sociais, como no *podcasting*. Mônica Rodrigues Nunes e Ana Paula Silva Ladeira Costa, em “Oferta de produção audiovisual durante a pandemia da Covid-19: estratégias e adaptações da Rede Globo e Netflix”, recuperam os acordos que tornaram possíveis a inserção da plataforma no Brasil e debatem, a partir dela, sobre a lógica do excesso e da letargia, do internacional e do local, e suas interações no campo da produção e da recepção.

Em “A poética da entrevista no documentário *O país de São Saruê*”, José Francisco Serafim e Renato Meira dos Santos Filho analisam o audiovisual de 1971, dirigido pelo cineasta paraibano Vladimir Carvalho, julgando o reducionismo sobre as

falas dos entrevistados e a minimização de opiniões divergentes. Gabriel Henrique de Paula Carneiro, em “*Estranho encontro* (1958) e o estilo nascente de Walter Hugo Khouri”, investiga se o estilo do diretor já estaria presente em seu segundo documentário enquanto modernidade e composição de atmosfera. Em “Maldito bem dito, bendito mal dito: construções discursivas a partir da trajetória de Itamar Assumpção”, Larissa Caldeira e Jorge Cardoso Filho discutem relações de poder desenhadas por regimes de verdade e questionam se articulações estético-políticas dependem, de fato, de temporalidades e historicidades.

Atravessando as aparentes separações entre estética e política, técnica e conteúdo, realidade e ficção, a aposta dos artigos desta edição – e que reforçamos – é a de que o combate aos variados tipos de violência se faz (também e especialmente) a partir de imaginários que possam sonhar outros mundos quando a realidade se mostra sombria. Que haja repertório para todas e todos desafiarmos os futuros próximos e transformarmos os distantes por meio de melhores projeções do hoje nas mídias. Boas leituras!

MidiAto – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas

junho de 2021